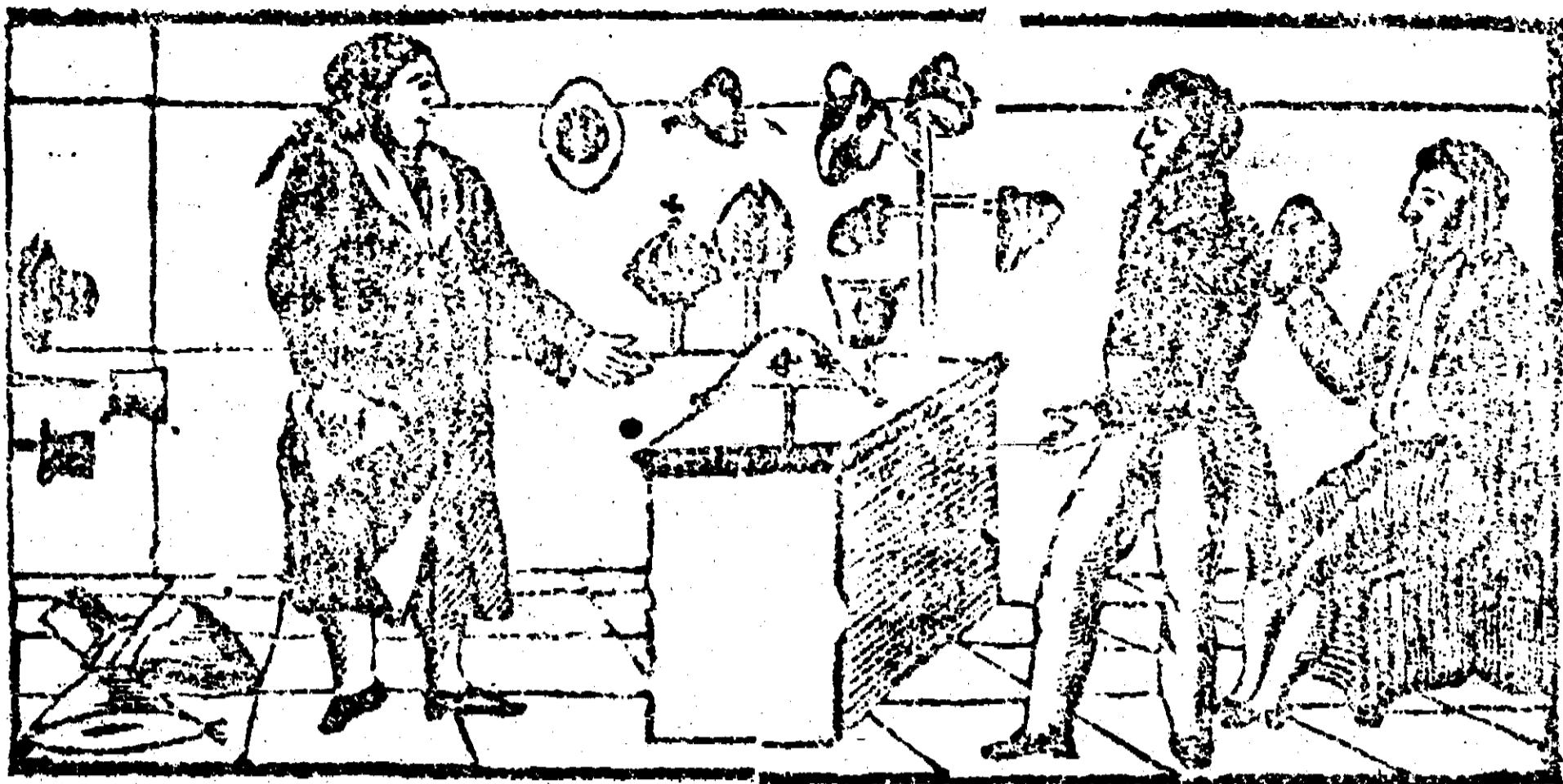


O  
CARAPUCEIRO

26 DE MAIO  
DE 1840



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli  
Percere personis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Qual he pior n'hum povo: a supersti-  
ção, ou a incredulidade?*

Bem longe estou de approvar a superstição, que não he outra cousa mais, do que huma falsa ideia da efficacia de certas praticas religiosas, abraçadas por temor, ou esperança. Mas he de advertir, que huma grande parte dos nossos philosophantezinhos d'orelha, desconhecendo a verdadeira significação dos termos, confundem tudo, e baptizão em superstição o culto das imagens, as reliquias, as preces da Igreja, e qual quer acto de devoção, e piedade. Esses senhores tem a bocca sempre cheia de moral: não fallão, senão na boa moral; mas essa sua moral tão gabada he a do Barão d'Holbac, de Diderot, e mais sucia ante-Christã, moral fundada no egoismo, moral de calculo, como a entende Jeremias Bentham, moral finalmente d'espertalhões, e velhacos, e que nunca poderá ser a moral de hum povo.

Em verdade se a regra das acções humanas consistir unicamente em os calculos de utilidade propria, donde pro-

virá a noção de dever? O calculo pertence ao entendimento; o dever porém diz respeito á vontade: e se toda a moralidade das nossas acções cifra-se no calculo; o maior ladrão, o mais furioso assassino &c. não devem ser tidos por perversos, nem punição merecem, toda vez que os seus maos feitos nascerem de hum erro de calculo; pois ninguem dirá, que deva ser castigado aquelle que não acertou com a solução d'hum problema d'Arithmetica. D'aqui a doutrina corrente desses materialistas, e atheos, que não existem leis naturaes, que virtude, e vicio não existem, senão por convenção dos homens. Mas a Razão universal, e a experiencia de todos os seculos sobejamente tem demonstrado, que pretender fundar a moral d'hum povo em outra base, que não seja a Religião, e esta positiva, he hum sonho; he hum devaneio, he huma chimera. Só a ideia d'um Deus creador, Omnipotente, e justiceiro pode impor obrigação ao homem.

Não há memoria d'hum só povo sen-  
tal, ou qual Religião, e igualmente sem

superstição; porque he proprio da fraqueza humana o exagerar tudo. Hum povo composto de individuos todos desabusados, e bons pensadores he cousa, que nunca se vio, nem se verá; o consequentemente mais, ou menos superstição sempre se dará no mundo, em quanto nelle existirem homens, e Religião. O povo relativamente a esta pode comparar-se ao vidro, em o qual forçoso he, permanença algumas manchas sob pena de o fazer estalar aquelle que o pretender limpar de toda, e qual quer nodos. Tal he a sorte da especie humana; que ainda no gozo do maior bem deste mundo tem de ser sujeita a inconvenientes, e males.

Se a superstição pois he para os povos hum mal inevitavel, como até os demônios os fastos ainda dos mais cultos, e civilizados, resta-nos saber qual he pior, se a superstição, se a incredulidade. Sem temor de erro eu ousou afirmar, que esta he muito pior, que aquella, e para o provar, além dos argumentos de puro raciocinio, ser-me-á de sobejo recorrer aos factos da sempre memoranda Revolução Franceza. A superstição he crença demasiada, a incredulidade he ausencia de toda a crença: o Supersticioso tem hum motivo bem que errado, que dirige as suas acções; o incredulo rejeita todo, e qual quer motivo, que não seja o seu egoismo: o supersticioso teme, e espera de mais; o incredulo nem teme, nem espera além desta vida: o supersticioso, dominado d'enthusiasmo, he capaz de praticar acções da mais heroica virtude; o incredulo, meramente guiado pelo interesse, he gelado, e frio, como o calculo: finalmente em quanto o enfermo conserva accessos de febre, ainda tem principios de vida, ainda dá alguma esperança de escapar; mas logo que lhe desaparece de todo a febre, e o corpo cabe em profunda languidez, a gangrena já o tem invadido, e não há mais esperança de vida. No primeiro caso está

o supersticioso, no segundo o incredulo.

De muito que a sceita Voltairiana, e Encyclopedista trabalhava por desplantar a Religião sancta do Crucificado, substituindo-a pela incredulidade mofadora do mesmo Voltaire, pelo Deismo misantropo de Rousseau, e a final pelo cego, e brutal materialismo de Diderot, de La Metrie, d'Holbach, Helvecio, & & Para esse infernal designio não se poupáron escriptos de todo o genero, des d'os livros in folio até o mais pifio livresco, des d'as obras didaticas até os contos, os romances, e as mais futeis novellas. Quem combatia a Revelação em sua fonte; quem impugnavá os Mystérios; quem sustentava a impossibilidade das profecias, e milagres; quem apodava as cerimónias, e praticas da Igreja, tachando-as de superstição indigna das luzes do seculo; quem finalmente atrevia-se ao mesmo Deus, negando-lhe a existencia, profligando a crença universal d'huma vida futura, de penas, e recompensas, & &

A propria Academia Franceza professava o Atheismo. O famoso Bernardin de Saint-Pierre, encarregado d'hum relatorio ao Instituto sobre a solução d'huma questão de moral, aventurou-se a proferir o nome de Deus, Hum grito de furor se levantou de todas as partes no salão: huns o motejavão, perguntando-lhe onde vira Deus, que figura tinha &; outros se indignavão da sua credulidade; os mais pacificos atiravão-lhe chascos mofadores, ou o denominavão homem fraco, e supersticioso: alguns ameaçavão-o com a expulsão de huma sociedade, de que elle se fazia indigno, e até houve quem o desafiasse a duello a fim de lhe provar com a espada na mão, que não existia Deus... Assim o publicou o mesmo Saint-Pierre em suas obras completas T. 1.º pag. 243.

De balde o famoso Orador da Revolução, o valente Mirabeau, vendo, que a impiedade, e a anarchia se querião prevalecer do seu nome, exclamava

„ Confessemos, Snrs., á face de todos os povos, e de todas as nações, que Deos he tão necessario, como a liberdade, ao povo Francez; e plantemos o signal augusto do Christianismo sobre o cume de todos os departamentos. Não se nos impute o crime de havermos querido estancar o ultimo recurso da ordem publica, e apagar a derradeira esperança da virtude desgraçada. „ A incredulidade foi por diante, e pela primeira vez vio o mundo horrorizado o sanguinolento, e monstruoso imperio do Atheismo. E o que succedeo? Abrião-se as paginas da Historia, e os factos falarão por mim.

O culto Catholico perseguido por vivos obcenos nas ruas, nas estradas nos passeios, torna-se objecto das farsas mais burlescas, e ridiculas, e em quanto a apostasia levanta a sua horrivel cabeça, homens disfarçados em bufos parodião nos pateos das Igrejas as sanctas ceremonias da Missa. Os livros sanctos, os ornamentos sagrados, tudo foi despedaçado, queimado, ou afogado no Sena. Ah! foi lançado hum Crucifixo, que era hum primor d'obra. O Voltairianismo, que das pontes, e caes se deleitava em contemplar tamanha abominação, vendo, que as ondas levavão este signal odoravel da nossa redempção, desatou a tir com grande alacridade, abanou com a cabeça, e disse orgulhosamente á multidão — Vede como as ondas o arrastão. O Christianismo he cousa, que já passou —

„ A liberdade religiosa foi violada (diz o respeitavel Guizot) as cruces insultadas; quanto nossos pais adoravão, quanto ainda hoje veneramos, tudo foi entregue á destruição, e ao ultraje. Os Catholicos (e estes são mais numerosos, que antes de 14 de Fevereiro; porque todo o homem de bem lembra-se da sua Religião, quando a vê ultrajada) os Catholicos são inquietados, e perseguidos por toda a Franca. „

As maximas do Philosophismo já do-

minarão a Franca, a peste da incredulidade lavrou por toda a parte. O culto religioso foi inteiramente prescripto, o Redemptor do Mundo, o proprio Creador dos Ceos, e da terra foi eliminado das ideias do povo, erigindo se em seu lugar o culto burlesco da Deosa Rasão: e o que foi, que se seguiu deste triunfo momentaneo da incredulidade? Dissolverão-se todos os laços sociaes, soltarão-se as paixões, os crimes mais horrosos perpetrarão-se como por heroismo, o vicio passou a ser virtude, a virtude hum crime, as mais doces effeições punidas de morte: hum delirio furioso asenhoreava-se dos animos, e só dominavão o Atheismo, e o carrasco!

No meio desta desordem geral, quando tudo se alogava em rios de sangue Robespierre, o proprio Robespierre ousa levantar o grito de alarma contra tantos horrosos, filhos legitimos da incredulidade, e do alto da tribuna assim se exprime a respeito dos impios destruidores de todo o culto religioso. „ Elles erigirão a immoralidade não só em systema, como tambem em Religião: buscarão extinguir já com preceitos, já com os seus exemplos todos os sentimentos generosos da natureza. O mau desejára em seu coração, que hum só homem de bem não ficasse sobre a terra, a fim de não encontrar hum só accusador, e poder respirar em paz. Taes homens forão esquadrinhar nos espiritos, e nos corações tudo, que serve de sustentaculo á moral para o arrancar, e soffocar o accusador invisivel, que a natureza ali occultou. Nós ouvimos (quem acreditará em tanta impudencia?) o traidor Gaudet em huma sociedade popular denunciar a hum cidadão por haver pronunciado o nome de Providencia. Ouvimos algum tempo depois Hebert accusar outro; por haver escripto contra o Atheismo. E não forão, Srs., Veigniaud, e Gensonné, que em vossa mesma presença, e nesta tribuna perorarão calorosamente para que se elimi-

nasse do preambulo da Constituição o nome do Ente Supremo? Elles abraçavam com transporte hum systema, que confundindo o destino dos bons, e dos maos, não deixa entre estes outra differença mais, do que os favores incertos da fortuna, nem outro arbitrio fóra do direito do mais forte, e do mais astuto. Vós, que verteis lagrimas sobre o tumulto d'hum filho, ou d'hum esposa, sois consolado por aquelle, que vos diz, que desses caros objectos não resta mais, do que hum pó desprezível? Desgraçados, que espiraes sob os golpes do assassino, o vosso ultimo suspiro de hum appellação á justiça eterna. A innocencia no cadafalso faz empaledecer o tyranno em seu carro de triumpho. E teria ella este poderio, se o tumulto nivellasse o oppressor, e o opprimido? Com que direito, miseravel sofista, vens arrancar á innocencia o sceptro da razão para o pôr nas mãos do crime, lançar hum véo funebre sobre a natureza, desesperar o desgraçado, regosijar o vicio, contristar a virtude, degradar a humanidade? Se a existencia de Deos, se a immortalidade d'alma não fossem mais, que hum sonho, ainda assim seria a mais bella concepção do espirito humano. ,,

A medida dos crimes, e horrores estava cagulada: a Franca era hum vasto theatro de perversidades inaudictas: os homens já estavam cansados de tanta immoralidade, fructo da irreligião, quando o honrado Portalis no seio do Corpo Legislativo levantou a voz, e fez ouvir as seguintes salutaes verdades, que sempre o forão, e serão, em quanto existir o mundo. ,, Escutemos a voz de todos os cidadãos honestos, que nas assembléas departamentaes tem exprimido o seu voto a respeito do que se passa a dez annos debaixo dos seus olhos -- He tempo (dizem elles) de se calarem as theorias diante dos factos. Não há instrucção sem educação, e não há educação sem Moral, e Religião. Os Professores tem ensinado no deserto; porque loucamente se proclamou, que

não se devia fallar em Religião nas escolas. Há dez annos, que não se dá instrucção entre nós: cumpre pois, que tomemos a Religião por base da educação. Os meninos estão entregues á mais perigosa educação, e ao mais funesto es-regramento. Vivem destituidos da ideia da Divindade, e sem a mais leve noção do justo, e do injusto. D'ahi costumes barbaros, e horri-veis; d'ahi hum povo feroz -- Assim a Franca chama a Religião em soccorro da moral, e da sociedade. ,,

E querem-se provas mais completas, e cabes dos terriveis efeitos da incredulidade? Esta chegou em Franca ao ultimo apuro: hum Decreto da suribunda, e infernal Convenção definitivamente declarou, que não existia Deos!!! E quaes forão os fructos de taes doutrinas? Crimes nunca vistos, horrores nunca imaginados, o povo mais culto da Europa commetter atrocidades, que já mais occorrerão aos Vandalos, e aos proprios Canibaes.

Creio pois haver incontestavelmente demonstrado, que dos dous extremos, isto he; da superstição, e da incredulidade, esta he muito peor, que aquella. Hum povo supersticioso (e qual o que o não he mais, ou menos?) espera, e teme alguma coisa além desta vida: mas hum povo incredulo desconhece a immortalidade d'alma, nada aguarda, ou receia do Supremo Juiz, cuja existencia desconhece; não tem freio, que o reprima, hum povo d'incredulos em summa he hum covil das feras mais sanbudas, e deshumanas, do que temos horroroso exemplo na Franca em os dias medonhos da Revolução. Concedo de barato, que já por temperamento, já por educação possa haver hum, ou outro atheo, que seja de bons costumes: taes dizem ter sido Spinoza, e Hobbes: mas hum povo de incredulos, hum povo de impios he o imperio dos crimes, he o inferno incarnado: o proprio Voltaire, que tinha seus lucidos intervallos, dizia, que nem o seu criado elle quereia, que fosse atheo; e se por tal o descobrisse, immediatamente o poria no meio da rua.

Concluirei afirmando com a authoridade da Historia, que hum povo religioso he o unico capaz de ser livre, e de chegar ao fastigio da prosperidade; e deste principio incontroverso facil he inferir, que somma de males pode produzir, e infelizmente tem produzido, a lição desses livros, que a titulo de philosophicos, e desabusados, propinão em tassa dourada o veneno da incredulidade. Ah! d'aquelle, que se enfrascou em taes leituras na idade das paixões; porque tarde, ou nunca perderá o vezo para a impiedade, á maneira do vaso, que primeiro servio para certas essencias aromaticas, que nunca mais deixa de conservar o cheiro primitivo.

*Pern.; na Typ. de M. P. de Faria. — 1846.*